

43 A VIRTUDE 4 23

LAUREADA,

DRAMA

RECITADO

NO

THEATRO DO SALITRE,

COMPOSTO, E DIRIGIDO

A O

REVERENDISSIMO PADRE MESTRE

Fr. JOSE' MARIANNO DA CONCEIÇÃO

VELLOSO,

Administrador da Impressão Regia, e Deputado da Junta
Económica, Administrativa, e Litteraria da
mesma Impressão, etc. etc.

Por seu muito devedor, e amigo

MANOEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE.



LISBOA

NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNO M. DCCC. V.

Por ordem Superior.

20
8
21

A VIRTUDE

DRAMATICA

DE AMAR

REPRESENTADA

THEATRO DO SALOÃO

A D V E R T E N C I A .

Seria injustiça exigir o desempenho de todos os Preceitos Dramaticaes em huma composição deste genero , cujo merito essencial he aprazer aos olhos por meio do espectáculo, e variedade das Scenas.

Nuda . . . occurrit , per se pulcherrima , Virtus.

Cardos. Cant. de Tripol.

MARQUEZ MARIA DE VASCOA DA BARRA



L I S B O A

NA IMPRESSÃO REGIA

A N O M DCCC V

For ordem do

23
24

*Ao Reverendissimo Padre Mestre o Senhor Fr. José
Marianno da Conceição Velloso.*

E P I S T O L A .

Qual d'entre as rôtas, náufragas cavernas
Do lenho que se abriu, desfez nas rochas,
Colhe affanoso, deploravel Nauta
Reliquias tenues, com que a vida estêe,
Em erma, ignota praia, a que aboiárão,
E onde a custo o remio propicia antenna:
Tal eu, que da Existencia o Pégo, o Abysmo,
(De que assomão, rebentão, rugem, fervem
Rochedos, Escarcços, Tufões, e Raios)
Tal eu, que da Existencia o Mar sanhudo
Vi romper meu Baixel, e arremessar-me
A inhóspitos montões de estranha arêa,
Triste recolho os míseros sobêjos,
Com que esvaído alento instaure, esforce,
E avive os dias, que amorteço em mágoas.
Em ti, constante, desvelado Amigo,
Demando contra a Sorte asylo, e sombra;
Oh das Musas Fautor, de Flora Alumno!
(Rasgado o véo da Alegoria) estende
Ao Metro, que desvale, a Mão, que presta
Se azas lhe deres, em suave adêjo
De Lysia ao seio, que a Virtude amima,
Della Cultores, voaráo meus Versos,
E o Patrio, doce Amor ser-lhe-ha piedoso.

Bocage.

As Reverendissimas Padre Mestre e Senhor Fr. João
Mariano da Conceição & c.

EPISTOLA

ACTORES.

A SCIENCIA.

A HOSPITALIDADE.

A INDIGENCIA.

A POLICIA.

A LIBERTINAGEM.

O GENIO LUSITANO.

ACTO UNICO.

Praça magnífica sobre as Margens do Têjo.

SCENA I.

*A Sciencia por hum lado , e a Indigencia por outro ,
com a Hospitalidade.*

Sciencia.

EU, que elevo os Mortaes, e os esclareço;
 Que méço a Lua, o Sol, que o Mundo abranjo,
 Que da vetusta Idade aclaro as sombras,
 Que entro por seus arcanos, e revóco
 D'entre o pó, d'entre a cinza, d'entre o Nada
 Ao Seculo vivente as Eras mortas;
 Que dócil fiz o indómito Oceano,
 Abyssmo de pavor, de bôjo immenso,
 Que só por alta Lei não sorve a Terra;
 Eu, do grão Jove, Confidente e Imagem,
 Que do Fado os Mystérios desarreigo,
 E co'a Moral dos Ceos cultivo o Globo;
 Eu, a Sciencia, eu Fonte, eu Mãi das Artes,
 Que sei desirmanar na Intelligencia
 Entes, na fôrma iguaes, na especie os mesmos,
 Tornando-os entre si tão desconformes,
 Qual dista do Selvagem bruto, e fero,
 Macio Cidadão, que as Léis polirão,
 Ah!

Ah! não posso impetrar, colher dos Numes
 Para os Alumnos meus pavéz sagrado
 A teus golpes, Fortuna, inteiro, illeso!
 Sem que benigna mão lhe adoce os Fados,
 Sem que *escapa* piedade o chame á vida,
 De vigílias mirrado o Sabio morre.
 Almas corrompe do Egoismo a peste;
 Camões, Homeros na penuria cantão:
 Ei-los co' a gloria temperando a sorte;
 São prodigios de hum, prodigios de outro;
 Férrea Caterva os ouve: admira, e foge.
 Só quando o Vate he cinza, o Muito he nada,
 Por elles se interessá o Mundo ingrato;
 Na gloria estéril de Epitaffio triste
 Solidos bens o Barbaro compensa:
 Contradictoria Humanidade insana!
 No insensivel sepulcro os Sabios honra,
 E os Sabios não remio na desventura!
 Quaes elles forão diz, não diz, qual fôra:
 Nas almas frias o remórso he mudo.
 Ai dos Alumnos meus! Soccorre-os, Fado,
 Risca do Livro eterno o duro artigo,
 Que ao Mérito, ao Saber seus premios veda;
 Aquece os Corações no ardor da Gloria,
 Fraternaliza os Mortaes; onde suspirão,
 Os poucos Filhos meus co' a Mãi prosperem,
 E onde com seus innumerados sequazes
 Colhe triumphos, a Ignorancia gema.

Indigencia.

Mãi veneravel, teu queixume ouvindo,
 Amarga-me da vida o fel em dobro.
 A filha tua, a misera Indigencia,

Que muda te escutou piedosas mágoas,
 Comtigo vem gemer, carpir contigo
 A moral corrupção, que empesta o Globo.
 Plagas e Plagas, entre as Socias minhas,
 Entre as mansas Virtudes, hei vagado.
 Pela voz da Pureza (a que he de todas
 A mais formosa) deprequei o auxilio
 De inchado Cortezão, que hum Deos se cria.
 Melindre, Candidez, virginea Graça
 (Qual flor, em que era orvalho o doce pranto)
 Aos olhos do Soberbo expôz seus males.
 De gesto accezo, ovante, elle a contempla,
 Nem hum momento á dor constrange o vicio:
 Em vil proposição, que as Furias dictão,
 Profana da Innocencia o casto ouvido,
 E era cambio da virtude exige o crime.

Sciencia.

Ceos! Que infamia! Que horror! Prosegue, ó Filha,
 Sucumbio a Innocencia á vil proposta?

Indigencia.

Não, que nos olhos meus velavão Deoses,
 Fautores da Virtude: escuta e folga.
 O celeste rubor, que tinge a Aurora,
 Sóbe á face gentil, e as rosas brilhão,
 Mas súbito tremor branquê-as logo;
 Ei-la, d'olhos no Ceo, recúa, e game:
 Eu, porém, que no effeito observo a causa,
 Ao seductor pestifero arrebatô
 O objecto divinal, que o torna hum Monstro.

Sciencia.

Olha o Ceo na Innocencia a imagem sua.

Indigencia.

Murchas no horror do abominavel caso,
Inda comtudo as esperanças minhas
Levei de lar em lar; devendo a poucos
Piedade accidental, bati cem vezes
A's surdas portas de sumido Avaro,
(Sumido em subterraneo abysmo de oiro)
Fallára o Monstro, se fallasse a Morte,
O silencio dos túmulos o abrange
Ante o metal (seu Deos), que em férreos Cofres
C'o a vista famlenta o Vil devora
Servos d'elle (o poder he tal do exemplo :)
Depois de longo espaço, e vanç instancias,
C'hum desabrido = Não = me affugentárão.

Sciencia.

De tudo ha Monstros mil na Especie humana;
Mas todos vence da Avareza o Monstro.

Indigencia.

Attende ao mais, e adoçarás teu pranto.
Do centro da Impiedade em fim retiro
Os fatigados pés, e os guio aos Campos,
Absorta nas imagens carinhosas,
Com que affagais a idéa, oh aureos Tempos.

Sciencia.

Se alli não ha Virtude, onde he que existe!

Indigencia.

Pobre choupana, que forravão colmos,
 Humildes lares, que zelava hum Nume,
 Attrahem meus olhos, e meu passo animão.
 Chego, e curvo Ancião, que alli repousa,
 Grande em seu nada, na indigencia rico,
 Sorrindo-se, me acolhe, amima, e nutre.
 Santa Hospitalidade! Eras a Deosa,
 Que o rugoso Varão, madura Esposa,
 E imberbe Prole sua, abençoava!
 Com milagrosas mãos os parcos fructos
 Nas arvores fadadas avultando,
 Para os errantes, pálidos Mesquinhos,
 Que eterna Providencia lá dirige,
 Leda colhias, saboroso alento,
 E qual outr' hora a hum Deos, incluso no Homem,
 Muito do pouco a teu querer surgia.

Hospitalidade.

Conferio-me esse dom quem té no insecto
 Provê, do que lhe cumpre, a tenue vida.
 Deixando influxos meus no casto alvergue,
 Onde Beneficencia e Paz convivem,
 Acompanhar-te quiz ao vasto Emporio
 De Lysia, do Universo, á Grão Cidade,
 Que espelha os Torreões no vitreo Téjo,
 Donde sagradas Leis despede ao Ganges.
 O Globo he puro aqui, e aqui parece

Estar inda na Infancia a Natureza,
 Bella, serena, candida, innocente:
 Principe amado, imitador dos Numes,
 Ao público Baixel menêa o leme;
 Numéra os dias seus por Dons, por Graças,
 E o Mérito sem susto encara o Throno:
 Se o gravame do Sceptro acaso inclina,
 He sobre os hombros de Ministros puros,
 Dignos do alto esplendor, que sahe da escolha.
 Hum delles, cujo nome he caro aos justos,
 Que tem, que exercê o Ministerio santo
 De velar sobre o público Repouso,
 Que encarcêra, agrilhôa, opprime o vicio,
 O contagio dos mãos aos bons evita,
 E em piedoso Recinto abriga, instrue
 A Puericia, que em flor dispõe ao fructo;
 Luceno, o Zelador dos sãos costumes,
 Pai do Infortunio, da Sciencia amigo,
 Guarida vos promette; expõe, expõe
 Ao Ministro exemplar, meu claro Alumno,
 A vossa condição: vereis descer-lhe
 Dos olhos Paternaes amavel pranto,
 Provetoso, efficaz, não pranto esteril,
 Que momentaneas sensações produzem,
 E o Merito infeliz, qual virão, deixão.
 Em Luceno o favor segue a piedade,
 Mortal, que os Immortaes sem custo imita,
 E o bem, só porque he bem, desenha, opéra.
 Eia, vinde: eu vos guio aos bem fazejos
 Lares seus, Lares meus, sereis ditosas,
 Oh Sciencia! Oh Penuria! os Ceos o ordenão.

S C E N A II.

O Genio da Nação, e as mesmas.

O Genio da Nação.

OS Ceos o ordenão, sim; vai, guia, oh Deosa,
Essa illustre Infeliz, e a mesta Prole
Ao Magistrado eximio, ao Grande, ao Justo;
Cessem queixumes, esperanças folguem.
Ide; o Genio de Lysia, eu que dos Deoses
Tive alta commissão de olhar por ella,
De engrandecer-lhe, de affinar-lhe a Gloria,
E honralla de opulencia incorruptivel;
Eu, que espontaneo dera o grão de Nume
Por este, que exercito, augusto emprêgo
De escudar Lysia co' pavêz dos Fados,
Oh Penuria! oh Sciencia! Eu vos abono
Do Ministro sem par, favor, e asylo.

Sciencia.

O Ceo por ti se exprime: o Ceo não mente;
Oraculo de Jove, eu te obedeço:
Vejo sorrir-se ao longe amigos Fados;
Guia-me, ó Deosa.

Hospitalidade.

Guio-te á ventura. (vão-se.)

O Genio só: h cino 0

Tereis o galardão, tereis o loiro,
 Que á Virtude compete, immota, illéa
 Entre os duros vaivens de iniqua sorte:
 Desgraçado o Mortal, se o chão não trilha
 Por onde a mão de Jove arreiga espinhos,
 Que súbito depois converte em flores!...
 Mas que ufano Baixel retalha o Téjo! (1)
 Brincão no tópe flammulas cambiantes,
 E cambiante bandeira as ondas varre!
 Eis vóa, eis se aproxima!... Hum quasi monstro,
 De aspecto feminil, tigrinas garras,
 De trage multicôr, lhe volve o leme:
 Que Turba enorme á sua voz marçã
 E o ferro curvo, e negro ao fundo arroja!
 Desce a vaso menor a horrivel Furia,
 Reconheço-lhe o rosto, os fins lhe alcanço....
 Lá vem, lá toca sobre a arêa e salta.
 Inimiga dos Ceos! (2) és tu, profana!
 Sacrilega, fallás, blasfemadôra,
 Peste dos Corações, Orgão do Averno!
 Vens tambem macular com teus venenos,
 Com halito infernal, e atroz systema
 Campos, que meu bafejo Elysios torna!

Li-

(a) Aparece hum Baixel, donde pouco depois desembârca a
 Libertinagem com sequito numeroso.

(t) Corre para ella.

Libertinagem

Orgão não sou do Averno, o Averno he sonho (1)
 Para mim, para os meus; não soffro o jugo,
 Que sobre Corações tão férreo péza.
 Fantásticos Deveres não me illudem;
 O sensível me attrahe, do ideal não curo;
 Só de palpaveis bens fecundo a mente;
 O Bando, que allicio, e que prospéro,
 Vive em prazeres, em prazeres morre.
 Compleição dos Catões, Moral de ferro,
 Furia, Libertinagem me nomêa;
 Mas o carácter meu destroe meu nome.
 Delicias ao teu seio, ó Lysia, trago,
 Não crúas oppressões, nem agros males,
 Que o Fantasma Razão produz, maquina,
 Eu sou a Natureza: ella não manda,
 Que o gosto opprimas, que os desejos torças;
 As Paixões contentar, não he loucura;
 Prestar-lhes attenção, vontade, assenso,
 He lei, necessidade, e jus dos Entes.
 Olha: com sceptro de oiro impéro, ó Lysia,
 Franquêa o pensamento a meu systema,
 Despe imagens quiméricas, e approva,
 Que a posse do Universo em ti remate.

Genio.

Enganas-te, Perversa, os Ceos a escudão;
 De Lysia puro Insenço aos Numes sóbe,

Ar-

(1) Sentimentos abominosos da Libertinagem, refutaadós vigorosamente pelo Genio da Nação.

Arde em Virtude, inflamma-se na Gloria;
 Moral, Religião, saudavel Jugò,
 Que péza aos Impios, que aos Iniquos péza,
 Nunca foi grave a Lysia; Heróe supremo,
 Que he na Terra, o que he Jupiter no Olympo,
 Aqui, não com violencia, e não com arte,
 Mas pelo exemplo morigéra os Lusos,
 Só menos, que as Deidades venturosos.
 Não manches estes Ceos, Tartareo Monstro,
 Não corrompão teus pés o são terreno,
 Onde jaz da Virtude o trilho impresso.
 Eco da Magestade, a voz te aterre
 Do zeloso Ministro infatigavel,
 Luceno, ao Throno, ás Leis, aos Deoses curvo,
 Que, em vínculo fraterno atando os Póvos,
 Os vê curvos ao Throno, ás Leis, aos Deoses.
 Negreja, a teu pezar, o horror, que doiras,
 O Inferno, que não crês, de ti fuméga,
 E o Remorso tenaz te róe por dentro.
 Este Povo de Heroes, de Irmãos, de Justos,
 Teu carácter maldiz, teu nome odêa.
 Aparta-te daqui . . . mas tu repugnas!
 Guerreiros da Virtude, e flor da Patria, (1)
 Que limpais a Moral de intrusa escória,
 Eia, apurai o ardor contra esse Monstro;
 A vosso invicto Esforço a Furia cêda,
 Do Gremio da Innocencia o Vicio fuja.

Libertinagem.

Não se alcança de mim victoria facil.

Gã-

(1) *Sahe Tropa armada, que trava pelega com os sequazes da Libertinagem, e os vai destroçando.*

Genio.

Satélites da Gloria! Avante, avante:
A Pérfida fraquêa, a Palma he vossa.

Libertinagem.

Colheste contra mim Triunfo inutil:
Lysia perdi, mas senhoreo o Mundo. (1)

S C E N A IV.

O Genio, e Tropa.

GRaças, ó Numes, sucumbio a infame.
Heróes, eu vos bemdigo o Marcio fogo,
O rápido valor, que n'hum momento
A melhor das Nações salvou do estrago... (2)
Mas, Deoses, soffrereis, que n'outro clima,
Talvez á infamia sua ignoto ainda,
Sobre o lenho orgulhoso aporte a Fera,
E tóxico respire, e peste exhale:
O sacrilegio pune: hum raio, ó Jove,
Hum raio a torne cinza, hum raio abysme
O ligneo Torção no equóreo centro (3)
Annuiste-me, oh Deos! He chammas todo:
Lá cahe, lá se desfaz, e o Téjo o sorve.
Vai, Monstro, vai saber, desesperado,

(1) Embarção-se tumultuosamente, sempre acossados pela Tropa.

(i) Vai-se a Tropa.

(3) Cahe o raio sobre o Baixel da Libertinagem, e o abrange.

Se he fantasma a Razão , se he sonho o Inferno ,
 Vai no horrendo tropel dos teus sequazes
 De momentanea flamma á flamma eterna ;
 E eu , Ministro dos Geos , submisso aos Fados ,
 Vou por mão de hum Mortal encher seus planos. (1)

S C E N A V.

Carcere subterraneo , onde estarão os Vicios , e os Cri-
 mes agrilhoados , exprimindo variamente nos
 géstos a sua desesperação.

A Policia com Guardas.

Contra os Vicios communs , que pouco empecem ,
 Exercer correcções não só me he dado.
 Velai , Guardas fieis , sobre os Perversos ,
 Que a Policia commette ao zelo vosso ,
 Até que o raio Némesis dispare
 Co'a férrea voz de Tribunal supremo.
 Eu dos crimes terror , dos crimes freio ,
 A supplicio exemplar , que sare a Patria
 D'ímpia contagação , reservo aquelle
 De todos o mais duro , o mais funesto ,
 Que , instrumento servil de atroz vingança ,
 Tingio vendida mão no sangue alheio.
 Ao cutélo de Astréa em vão furtaste
 Colo rebelde ás Leis , ó tu , cruento ,
 Lobo nocturno , que , vibrando as garras ,
 A mansos Cidadãos oiro , existencia
 De mistura usurpavas , sem que ao menos

Tre-

(1) Vai-se.

Tremesse o coração, e as mãos tremesserm.
 Estes, mais que nenhuns, velar se devem,
 Estés nas feias, subterraneas sombras
 Para o pavor da Morte a mente ensaiem:
 Eu, Luz do bom Luceno, ea Alma, eu Tudo,
 Corro, entre-tanto, a suggerir-lhe idéas,
 Com que os públicos Bens floreação, medrem.
 A Sciencia, e Penuria, antigas Socias,
 Em seus Lares por elle ha pouco ouvidas,
 O fertil patrocínio lhe implorarão.
 Em lagrimas lhes deo penhor singelo
 De firme protecção: vós, Indigentes,
 Seus effeitos vereis, vereis, ó Sabios,
 Que a Mente, e o Coração por vós divido. (1)

S C E N A VI.

Salão Magestoso da Policia, adornado das Estatuas
 de varias Virtudes.

O Genio, e a Hospitalidade.

E Is-me na Estancia da Policia Augusta,
 Cultora da Razão, das Leis, do Solio.
 A titubante, a pávida Indigencia,
 Que já dos males seus alívio goza,
 Por mão do Bemfeitor, que os Ceos inspirão,
 Vem co'a Sabedoria honrar seu nome,
 De interna Gratidão, sagrar-lhe os cultos;
 Mas profundo respeito os pés lhe tolhe,
 E o Saláo venerando entrar não ousão.

B

S C E-

(1) Vai-se.

S C E N A U L T I M A .

Os ditos, e a Policia, que, ouvindo as ultimas
palavras, sahe de repente.

Policia.

FOi sempre este lugar franco á Virtude,
Entraí. (1)

Hospitalidade.

Longe de vós hum vão receio.

Policia.

Cumpri vosso dever, tecei contentes
De Luceno o louvor. Materia summa
As Virtudes vos dão, que resplandecem
Em brilhantes Estatuas magestosas
Neste brilhante, Magestoso Alcaçar.
Aquella, que risonha os olhos firma,
Como que rosto súpplice attentando,
He a Benevolencia, e diz no affago,
Que alguns, havendo a honra em mais que os lucros,
Ante duro Ministro enfrêão preces,
E só do Compassivo, e só do Affavel
A presença demandão, que os conforte,
Que ao rogo n'hum sorriso o effeito augure,
E não de altiva injúria avilte o rogo.
Esta he o Exemplo, est'outra he a Inteiraça;

Alli

(1) Entraão as duas.

‡ (19) ‡

Alli Fidelidade o jaspe ánima ;
 Desinteresse além reluz, e avulta ;
 Mais perto voluntaria Obediencia
 Curva o docil joelho : eis as Virtudes ,
 Que fórmão , bom Luceno , o teu character ,
 Todas egregias , necessarias todas.

Sciencia.

Verdade, e Gratidão nos lábios nossos,
 Approvão quanto sôa em honra delle.

Indigencia.

Oh Reinante feliz com taes Vassallos!

Policia.

Folga, Sciencia, e tu, Penuria, folga:
 Dado me he recrear-vos, ser-vos guia
 Ao Principe immortal, de quem reflectem
 Raios de luz para o Ministro excelso,
 Que o seu mór premio tem na Regia Gloria.
 Curvai-vos, e admirai o Heróe sublime,
 Que Lysia adora, é que adorára o Mundo,
 Se o Mundo todo merecesse olhallo. (1)
 Vêde a seus pés o Magistrado insigne,
 Que nelle se revê, que a bem da Patria
 A Grandeza Real submisso implora.

B ii

Hos-

(1) Abre-se o fundo do Theatro, apparece o Retrato do Principe R. com o Magistrado a seus pés, offerecendo-lhe os Votos mais puros da Nação.

Hospitalidade.

Quanto a Virtude altêa a Dignidade.

Sciencia.

Oh Júbilo: Oh Ventura!

Indigencia.

Eu pasmo, eu tremo.

Genio. (Dirigindo-se para o Retrato do Principe R.)

Heróe , sacro aos Mortaes , acceito aos Numes ,
Olympico Fulgor compõe teus dias ;
Os Ceos na minha voz mil dons te abonão ,
Com meus olhos teu Povo os Ceos vigiãõ ,
O Commercio por ti de fé se nutre ;
As Artes , a Virtude , as Leis triunfãõ ;
No Solio , no Poder tens base eterna ;
Tua alma sobresahe aos teus Destinos ;
E de teu puro arbitrio esse orgão puro ,
He digna escolha tua , aos Astros voa
No rasto de oiro , com que o Pólo esmaltas.
Subditos de JOÃO , rendei mil cultos
Ao grão Regente , ao inclyto Carácter ,
Que nelle diviniza a especie humana :
A voz da Gratidão se alongue em Vivas ,
E cordeal ternura os labios honre.

(CORO.)

Oh Luso Heróe ! Baixaste
Da Estancia divinal !
Tu és hum Deos visivel ,
Oh Principe immortal !

F I M.

S O N E T O.

Meu ser evaporei na lida insana
 Do tropel de paixões, que me arrastava:
 Ah! égo eu cria, ah! misero eu sonhava
 Em mim, quasi immortal, a essencia humana.

De que innumerous sóes a mente ufana
 Existencia fallaz me não doirava!
 Mas eis succumbe Natureza escrava,
 Ao mal, que a vida em sua origem damna.

Prazeres, socios meus, e meus tyrannos,
 Esta alma, que sedenta em si não coube,
 No abysmo vos sumio dos Desenganos.

Deos . . . oh Deos! quando a morte a luz me roube,
 Ganhe hum momento o que perdêrão annos,
 Saiba morrer o que viver não soube.

Bocage.

S O N E T O.

De peito impenetravel sempre ao susto,
 Lédo entre as armas, a folgar no p'riço,
 O' França, teu magnanimo inimigo,
 Por timbre teu não triunfou sem custo.

Ardendo em gloria o coração robusto,
 Onde teve o troféo, teve o jazigo:
 Nelson venceo, venceo por uso antigo;
 Mas da victoria foi desconto injusto.

Bem que nadante a Gallia em rubro lago,
 (Domando a morte quem seus brios doma)
 Crê reparar com isto immenso estrago!

Ah! donde hum Nelson cahe, logo outro assoma,
 Assim, de Heróes privando-te Carthago,
 Heróes fervião no teu seio, o Roma.

Bosage.

SONETO.

Mãe de Chefes Heróes, de Heróes soldados
A Gallia herdou de Roma o genio, a sorte;
Seus Filhos no igneo jogo de Mavorte
Virão Marcios Leões tremer curvados.

Mas alta Lei dos Penetraes Sagrados
Baixou, que o fatal impeto reporte:
Fervendo em raios no Oceano a morte,
Te obedece, ó Britania, ao mando, aos Fados.

No Continente o Gallo he Deos da guerra;
O Anglo audaz sobre o pelago iracundo
Da victoria os pendões, troando, afferra...

Ah! nutirão sempre assim rancor profundo.
Hum triunfa no mar, outro na terra:
Se as mãos se derem, que será do Mundo!

Bocage.

S O N E T O.

C'hum Diadema de luz no Elysio entrava
Envolto Nelson em sanguineo manto;
Lavrou nos Manes desusado espanto,
E a turba dos Heróes o rodeava.

Grita Alexandre (e nelle os olhos crava)
Quem hes, que entre immortaes fulguras tanto ?
Sou (lhes diz) quem remio de vil quebranto
Europa curva, oppressa, e quasi escrava.

Deixei de sangue o pégo rubicundo ;
Troféos em meu sepulcro a Patria arvora ;
Raio ardi sobre o Gallo furibundo . . .

Nisto de novo o Macedonio chora :
O que immensa extensão venceo do Mundo ,
Quem vencêra hum só povo inveja agora.

Bocage.

A Memoria de Ulmia.

S O N E T O.

Quando meu coração de Amor vivia,
Ufana a liberdade em ver-se escrava,
E quando para mim se variava
O Ceo n'um riso, o Ceo n'um ai de Ulmia.

Das escuras Irmans a mais sombria,
E que mais com seu pêzo o Mundo aggrava,
Na vista divinal, que me encantava,
Roubou luz á minha alma, e luz ao dia.

Não mais, Dor, Fado meu, Dor, meu costume
Cedo a paz gozarei, que o peito anhéla,
Nos olhos do meu Bem, do Ceo já lume;

Junto á Nynfa immortal, na Estancia bella,
Os dias perennaes, que vive hum Nume,
Irei (Nume em ser seu) viver com Ella.

Bocage.

S O N E T O.

Il n'est de malheureux que les cœurs détrompés.

Voltaire. Merop. Trag.

Em vão, para tecer-me hum ledo engano ,
Filosofo ostentoso industrias cança ;
Diz-me em vão, que exhalando-se a esperança,
Repousa na apathia o peito humano.

O nauta a soçobrar no Pégo insano
Vê rir ao longe a cêrula bonança ;
A mente esperançosa enfreia, amansa
Os roncós, e as bravezas do Oceano.

Se nos míseros cahe da mão dos Fados
O negro desengano, eillos anciosos,
E á desesperação, e á furia dados.

Doirai-nos o por-vir, oh Ceos piedosos !
Justos Ceos: dêm sequer jardins sonhados
As flores da ventura aos desditosos.

Bocage.

Ao Senhor Manoel Maria Barbosa da Bocage, por occasião de se ter dito, que recebera o Sagrado Viatico.

SONETO.

Depois que a teus ouvidos grata voadora
Mensagem pura, que ante os Ceos te expia,
Por mil Sóes, Orbés mil, por Lactea Via
Jove ao proprio teu lar desce em pessoa: (1)

Colloquio amigo, que entre os Dois resôa,
Par não soffre em ternura, em energia,
He d'hum Cysne expirante a melodia,
He a frase efficaz d'hum Deos, que trôa:

Congraçados eis são Mortal, e Immenso;
Fogem subito ao pacto renovado
Vã lida, torpe invéja, e morbo intenso!

Rasgou-se o véo do nubilo teu Fado;
Dás fragil myrrha por eterno incenso,
D'Home és Nume, de Vate és invocado.

De Santos e Silva.

Ao

(1) Contracção de Jehova.

Ao Senhor Manôel Maria Barbosa da Bocage, achando-se o A. molesto, que recebeu a notícia de se ter dito, que recebeu a notícia de se ter dito

S O N E T O .

A Musa, que bebo contigo alento,
Que ao lado teu paixões commerciava,
Os sons, que alegre outr' hora derramava,
São ais viuvos, que dirige ao vento.

D'entre meus braços te apertar sedento,
Por vingar o intervallo soluçava,
Que a mal firme existencia me embargava,
Sem que podesse olhar-te hum só momento.

Se não pude faltar voraz saudade,
Iada mádida a face, enternecida,
Chora males do amigo em soledade.

Minha alma em tua dor toda embebida,
Implora em ais, em pranto aos Ceos piedade,
Ama doirar-te a tenebrosa vida.

De Pedro José Constancio.

Ao Senhor Manoel Maria Barbosa du Bocage.

SONETTO.

Entre as flores, que as Graças bafejão,
Curvas d'Elmano á prepotente Lyra,
Venus brincando com Adonis gyra,
Dando-se beijos, que em rosas cevarão.

Assim contentes horas deslizarão,
Ao som canoro, que o prazer inspira:
O Ceo pendente extasiado admira!
Té que os Numes d'inveja ao som raivarão.

Dedos torpecem!.. arreventão cordas!
Cumprio-se a voz de hum Deos, cumprimento-se a Sorte,
Em quanto, Eco chorosa, os tons recordas.

C'roai-o, ó Ninfas, pranteai-lhé a morte:
E ao menos, Jove, que em prazer trasbordas,
Deixa vêllo de cá na etherea Corte.

Do mesmo.

Do mesmo.

S O N E T O.

Pungido pela dor, banhado em pranto,
 Desato, Elmano, minha voz truncada,
 Que de gemer, de suspirar cançada,
 Acha o rouquejo no lugar do canto.

Debalde em pragas mil a voz levanto
 Contra o Cypreste, lúgubre morada,
 Que de funereas Aves carregada,
 Te condensa o pavor, o susto, o espanto.

Para baldar o agoiro, em vão tentára
 Loiros dispôr em mimo esperançoso,
 Que na aridez não vinga a ténuê vara.

Rouba-me embora, ó Fado rigoroso,
 Esse que Lyria, o Mundo assoberbára,
 Que o pranto he meu, prantearei saudoso.

Do mesmo.

Ao Senhor Manoel Maria Barbosa du Bocage.

S O N E T O .

Embebido na sólida Verdade,
Zombas dos Impios, que sem pejo ou mêdo,
Decifração de Mysterios o segrédo;
Trévas a nós, e Luz á Eternidade:

Adoras a Suprema Divindade,
(Teu futuro Juiz ou tarde ou cêdo)
Na fé se adóça teu remórso azedo,
Esp'rando a divinal Tranquillidade.

Loucas Paixões, que fomentaste outr'hora,
(Feiticeiro Manjar dos flóreos annos,
Que o Juizo maduro não vigóra)

Esses gostos fataes, gostos mundanos,
Expiando na dor, que te devora,
Ganhas hum Deos, e choras os Profanoz.

Joaquim Antonio Soares de Carvalho.

ELO-

ELOGIO AO PUBLICO

Em nome de huma Actriz da Rua dos Condes.

A Musa, que nas Scenas de Ulysséa,
 Não sem gloria, ajustava o métro á Lyra,
 De Elmano o só thesoiro (a Sócia mésta
 Da quasi muda cinza, aérea sombra)
 Inda hum salvé tremente á luz envia,
 E dá versos á Patria, ou dá suspiros,
 Da nobre Gratidão pelo orgão puro.
 Oh Lysia! Escuta os sons, talvez extremos;
 Que do seio affanoso, a custo, exhála:
 (O Cysne diviniza os sons na Morte)
 Ouve, em métro não baixo, ouve alto affecto,
 Que me honra o coração, na voz me ferve,
 E no Patrio favor a ardencia nutre.
 Recente Arvoresinha em chão bravio,
 De humor celeste definhando á mingua,
 (E mimosa jámais de hum Sol fagueiro)
 Eu para a Terra, para a Mãi pendia,
 Que os suscos mesquinhava ao tenro Arbusto,
 Talvez de produzillo arrendida.
 Eis braço, a que apiedou meu ser já murcho,
 Me extráhe, propicio, do Terreno avaro,
 E em liberal torrão me põe, me arreiga.
 Súbito espérta, súbito enverdece
 A Planta moribunda, e qual sé, ó Léthes,
 Afferrasse a raiz nas margens tuas,
 Que das Furias o bafo esteriliza.
 Influxo animador me altêa, e fólha;
 Hábito ameno de vivaz Favónio

Com macios vaivens me embala os ramos,
 Flores me adornão, fructos me atavião :
 Os sorrisos da Patria, os mimos della
 Estas boninas são, são estes fructos.
 Das trévas, e da Morte as Aves feias,
 (De atra voz, em que o Fado ás vezes sôa)
 Fogem d'entorno a mim, carpindo agouros,
 Nas agras, negras furnas vão summir-se ;
 E na coma louçã gorgêa encantos
 Teu Cantor, Primavéra, o vosso, Amores.
 Quanto sou, quanto valho, á Lysia devo,
 E á Lysia o coração na voz consagro.
 Acólhe com ternura, acólhe, ó Patria,
 As offrendas por mim do triste Vate,
 Que para te cantar surgio da Morte,
 E em ancias balbucía o tom dos Numes :
 Honra déste ao Cantor, dá honra ao canto.

Bocage.

Ao Senhor Manoel Maria Barbosa du Bocage.

DO boto engenho a sequidão, e a mingoa,
 Suppri, vós Amizade, e sentimento,
 E a frase ingenua, a Candidez saudosa,
 Tebêos thesouros valhão.

Tinta sempre de negro a Fantasia,
 Em vão tactêa o viço dos Prazeres,
 As sombras medirão, desaparece o esmalte
 Dos Parnásidos sonhos.

Anciado o coração, palpita, e pede
 Amenos quadros, que o vigor lhe abonem,
 Mas, o seu oppressor, o Pensamento,
 Se produz, produz lucto,

E como affugentar, banir-lhe as trévas,
 Se de hum, se de outro lado eu sinto, eu vejo
 Duros arremessões, pendentés golpes
 Do meu verdugo, o Fado.

Daqui me aponta a pálida Amizade,
 O Amigo, o Vate, o Pensador, o Tudo
 (Socio nas ditas, e nas mágoas socio)
 Desviado, e penando.

Dalli me punge o indomito Destino:
 Novo Tantaló eu sou! Vejo a Ventura,
 Cresce o desejo, esforços se redobráo,
 Mas não posso abrangella.

(35)

Impertinentes, faceis Conselheiros,
Sizudo Aristocrata me pertendem,
Systema, e Genio me prohibem; soffro
Nos diversos contraste.

Nos grilhões de hum dever, que me flagella,
Nem do meu coração disponho livre!
Quantas vezes me yês, Amor, oh quantas
Cobiçar-te, e fugir-te!

Na varia compressão, no cerco infando
De Pesar, e Pesar conheço o pouco,
Que resiste a Razão, e quanto, e quanto
Filosofia he futil!

A Sensassão dispotica ensurdece
Da sã Prudencia ao madurado Aviso,
E contra a innata propensão dos Entes
Politica o que avulta?

Mente, quem me disser, que em homens cabe
Não gemer, se Afflicção irrita, e lacera:
Não mais póde o Atilado, o Sapiente,
Que evitar-se ao naufragio.

Eu, que desde a bemvinda Primavera,
Em que a Luz da Razão dourou meu clima,
Tive sempre comigo, e meus Destinos
Atinada pelêja.

Votado desde então a Amor, e ás Musas,
Filosofo, os espinhos acamando,
Horas tenho, assim mesmo, em que a meus olhos
A existencia negreja.

Ditoso tempo aquelle, Elmano, o caro,
 Que em amiga união (volvendo a teia
 Do Porvir, do passado, e do presente,)
 Nos davamos constancia:

Então (oh! tempos, que valeis saudades)
 Amizade interesses enlaçando,
 Delicias extrahia ás mãos da sorte,
 Que tropejava inutil.

Então as Nynfas do Pierio esquivo,
 Com teus Olympios sons extasiadas,
 Folgavão de me ver medrado Alumno,
 Rastear-te, e com gloria.

Ah! bem que nos separa occulta força,
 Inda te segue o socio Pensamento: (1)
 Se Poder, e Vontade condissessem,
 Moniz fôra comtigo.

Menos agros talvez teus dias forão,
 E os turvos dias meus, que enlutão mágoas,
 Com doce languidez amenizára
 O Prazer fugidio.

Matiz equivalente a Paraísos,
 Variado entre Amor, entre Amizade,
 Me enchera o vácuo da existencia ensôssa,
 Que se definha inerte.

Eu

(1) *Affectusque animi, qui fuit ante manet.*

Ovid. Trist. lib. 3. Eleg. 2.

(37)

Eu amo, eu sou amado, eu lucro, eu gózo;
 Mas, ai! que a hum dia de prazer succedem
 Dias, e dias de Afflicção teimosa,
 Que o coração me azédão.

Amas, como eu também, também amado,
 Mas avesso Poder te engelha os fructos,
 Que já colheste em tempos fortuneos
 De perpétua lembrança!

Cumpria, que a Amizade suppridora
 Instantes affagasse amargurados,
 Mesmo d'entre os negrumes do Destino
 Tirasse hum riso a furto.

Infelizes de nós, se não restasse
 No fundo d'alma, de soffrer cansada,
 Divino não sei que, que aos males todos
 Nos torna sobranceiros.

Eia, pois ao porvir se appelle, Elmano,
 Fonte de gostos, ideaes amenos,
 O Fôlego alargando ao soffrimento,
 Leda Esperança ondêa.

Ella espinhos crueis em flores torna,
 Sustenta o fio, e dá sabor á vida;
 Retem suicidas mãos, angustias doura, (1)
 Deve ser nosso Numen.

Se

(1) *Me quoque conantem gladio finire dolorem,
 Arguit, injectas continuitque manus.*
 Ovid. de Pont. lib. 1. Eleg. 6.

Se dizes com Ovidio: „ Eu perdi forças, (1)
„ Perdi côr, e mal cobre a pelle o osso;
Tambem com elle eu digo: „ Immensos males! (2)
„ A velhice me avançaõ. „

A Aurora do Prazer talvez que enflora,
Ermo invernos da existencia nossa,
A' Fama vividoura, assombros novos
Na Lyra então daremos.

Por Nuno Alvares Pereira Moniz.

-
- (1) *Nam neque sunt vires, nec qui color ante solebat,
Vixque habeo tenuem, quæ tegat ossa, cutem.*
Ovid. Trist. lib. 4. Eleg. 6.
- (2) *Me quoque debilitat series immensa laborum,
Ante meum tempus, cogor et esse senex.*
Ovid. de Pont.

Carminibus quero miserarum obliviam rerum;
Ovid.

O D E

Ao Senhor Nuno Alvares Pereira Moniz.

JA' meu estro, Moniz, apenas sólta
Desmaiadas faiscas;
Em que as frôxas idéas mal se aquecem;
Elmano do que ha sido
Qual no gésto desdiz, desdiz na mente;
Diástole tardia
Já da fonte vital me esparge a custo
O licor circulante,
Que he rosa entre os jasmims de virgem Face,
Que outr'ora esperto, accezo
De santa Agitação, de Ardor sagrado,
No cérebro em tumulto
(Estancia então de hum Deos!) me borboalhava;
Respiração Divina,
Enthusiasmo augusto, alma do Vate:
Que rápidos portentos,
Portentos em tropel, não déste á Fama,
Não déste á Natureza,
A' Patria, ao Mundo, a Amor na voz de Elmano!
Ora, aplanando os sulcos,
Com que a Saturnia mão semblantes lavra,
A Razão pensadora
Erguia aos graves sons o grave aspecto:
Ora ao ver-se anteposto
Por delectosa insânia, a Ella, a Tudo,
O grato, Cyprio Nume,

Fadava docemente o doce canto
No Coração de Anália.
Oh extase! oh relampagos da Gloria!
Faustos momentos de ouro,
Com que meu grão comprei na Eternidade!
Do Tempo meu voando,
Do Tempo que anuvião negros Males,
Brilhais inda em minha alma;
Entre sombrias, áridas Idéas,
Qual entre Aves escuras,
(Orgãos do Agouro, Interpretes da Morte)
Requebros annullando,
Das Aves de Cithéra o Coro alveja. . . .
Mas ah, saudosos Días,
Vós sois memoria só, não sois influxo!
Não me reluz comvosco
O Espirito, abysmado em fundas trévas,
Com gasto, debil fio
Prézo á Materia vil, que rálão Dores:
Ante meus olhos tristes,
(Que já d'amiga luz se despedirão)
Sahe de eterna Voragem
Vapor funéreo, que exhalais, oh Fados!
Eis meu termo negreja,
Eis no Marco fatal meu fim terreno! . . .
Mas surgirei nos Astros
Para nunca morrer: com riso impune
Lá zombarei da sorte.
Moniz! oh puro Amigo! oh Socio! oh Parte
Do já ditoso Elmano!
A's Musas, como a mim, suave, e caro!
De lagrimas, e flores
Honra-me a cinza, o túmulo me adorna,
Não só longa Amizade,

7 (41) 2

Novo Sacro Dever te exige extremos:
 Da Lyra minha herdeiro
 Meu Nume Fébo, e teu te constitue;
 Fébo apôs mim te augura
 Vasto renome, que sobeje (1) aos Evos:
 (He dos Annos vantagem,
 Não vantagem do Engenho a precedencia)
 Teu metro magestoso,
 Que já, todo fulgor, zoilos deslumbra,
 Teu metro scintilante,
 Das virtudes mimoso, acceito ás Graças,
 Turvem saudades: canta
 Alguma vez de Elmano, e chora-o sempre,
 E Amor, e Anália o chorem:
 Amor, e Anália, meus piedosos Numes.
 Sem mim, por mim suspirem.

Bocage.

(1) Em Lucena, e em outros Quinhentistas de summo apreço, vem sobejar por exceder.

Novo Saevo Davor te exigo extremos;
 Da Lyra minha herdado
 Meu Nume Fôbo, e seu te consigne;
 Rebo espôr mais te sugera
 Voz nome, que sobeja (1) aos Evos;
 (He dos Anos ventagem,
 Não ventagem do Euzenho a precedencia)
 Tu mestre mestoso,
Por largo campo, indómito, e fremente,
 Corre o Nilo espumoso :
 Das virtudes humoso, acco
Feroz alaga a rápida corrente
 O Egypto fabuloso :
 Algumas vez de Rima, e choro sempre
Mas se na grã carreira, ás ondas grato,
 Tributo de caudae rios acceita,
 Soberbo não, regeita
Pobre feudo de incógnito regato.

Diniz. Ode 1.

(1) Em Lucena, e em outras Quintas de
 algum tempo, vem sobejar por ceder.

O D E

Por occasião da noticia, que grassou no Porto, das
melhoras do Senhor Bocage.

Cisne de immenso vôo: ave, que rója,
A medo se abalança aos teus louvores.

DEntre a que, eterna, lá no abysmo estala
Immensa chamma, que accendeo o Immenso,
Tôrva ullulando, á região do dia
Surge a myrrhada Invéja.

Seu hálito empestado a luz suffoca,
E sécea, e mirra as arvores, as flores;
Dragão, de linguas tres, na dextra arrôcha,
Alça na outra o facho.

Silvão-lhe horrendas na tostada fronte,
Viboras crespas, de que está coalhada;
Nutre nos peitos ávida serpente,
De insaciavel fome.

Atro veneno a lingua lhe destilla,
A lingua, que de vibora parece:
Vós Górgonas, vós Furias, tu Medusa,
Não sois mais horrorosas.

De espaço meneando as azas longas,
Demanda vagarosa a Etygia margem;
E alli, prendendo o vôo, descendo á terra,
Que, ao sentilla, estremece.

Alli

Alli em subterranea, em ampla furna,
 Desde a infancia dos seculos formada,
 Dura, immutavel lei impondo a tudo,
 Reside a Morte horrenda.

Montão enorme de esbulhados ossos,
 De crâneos seccos lhe compõem o throno;
 Assôma no alto o descarnado Monstro,
 A ferrea fouce em punho.

Voão-lhe em roda Lémures, Espectros,
 Jazem-lhe aos pés as lividas Doenças:
 O silencio, o pavor, a escuridade
 Alli, perennes, mórão.

Nos quatro cantos da horrorosa estancia
 Quatro cyprestes lúgubres se elevão;
 Aves sinistras, rouquejando agouros,
 Entre os ramos se aninhão.

Para aqui se encaminha a Invéja tôrpe:
 Tremendo, aos pés do throno se apresenta;
 Frio terror os membros lhe entorpece
 Ao encarar o Nume:

Mas, assanhando a roedora serpe,
 Que no peito lhe pásce, a dor vehemente
 Lhe esperta o coração, lhe volve o acôrdo;
 E assim treveja a Furia:

„ Deosa, dominadora do Universo,
 „ Cujo imperio vastissimo confina
 „ Cõ a muralha da immensa Eternidade:
 „ Branda meu rogo affaga,

„ Já

„ Já vezes mil o téttrico veneno
 „ Das serpes, que me toucão, que alimento,
 „ Fêz em teus lares borbulhar o sangue
 „ De victimas sem conto,

„ Serviço não vulgar, que te hei prestado,
 „ Júz me confere a não vulgar indulto:
 „ Vingame, ó Deosa, de hum Mortal soberbo,
 „ Que ousa affrontar-me impune.

„ Elmano, o caro a Febo, e caro a Lysia,
 „ C'roadado ha muito de immurchavel louro,
 „ Sobre o ludibrio meu alçou ufano
 „ Troféo de eterna dura.

„ Com pé robusto esmigalhou valente
 „ (Da peçonha mortal nem foi tocado)
 „ Viboras, que arranquei da trança horrenda,
 „ Para arrojlar-lhe ao seio.

„ Tentei vãmente ennegrecer-lhe a Fama,
 „ Que nivea, e pura os Orbes divagava;
 „ Meus baldados projectos só servirão
 „ De aviventar-lhe o lustre.

„ Chusmas de Zoilos, meus fieis Ministros,
 „ Em vão em meu favor as armas tomão:
 „ Relampaguêa o Vate, e nos abysmos
 „ Baqueão, aterrados.

„ Myrrhada de pezar, baixei ao Orco,
 „ E alli fui prantear a injúria minha:
 „ Gritos, que então soltei de dor, de raiva,
 „ Inda nelle' retumbão.

„ Foi-

„ Foi-me contudo balsamo suave
„ A' dor cruel, que me ralava o peito,
„ O grato annúncio, de que o Vate odioso
„ Roçava o ponto extremo.

„ Mortifero aneurisma promettia
„ Romper-lhe antes de muito os nós da vida:
„ Meu coração folgou, desaffrontado,
„ Co'a próxima ventura.

„ Já com soffregas mãos, tintas em sangue,
„ No Báratro companha atroz peçonha,
„ Para ensopar-lhe as socegadas cinzas
„ No tácito jazigo.

„ Porém, ó Deosa, se, exercendo a Fouce,
„ O demorado golpe não desfechas,
„ As, que alimento, gratas esperanças,
„ Qual fumo, se esvaecem.

„ Sim, ás continuas súplicas de Lysia,
„ Como que o Fado a fronte desenruga;
„ Brando, macio já, como que intenta
„ Deferir-lhe propício.

„ Ah! e quanto, inda assim oppresso, enfermo,
„ Quanto me affronta, me assoberba Elmano!
„ Seu Estro sempre o mesmo, sempre em chammas,
„ Raios me vibra intensos.

„ Todos de Lysia abalizados Cisnes
„ Melifluo cânto em seu louvor modulão;
„ Rôto ao Porvir (mercê de Apollo) o seio,
„ Vida fadão-lhe eterna.

„ E serei , ai de mim ! assim calcada ,
 „ Sem que possa vingar-me ! . . „ Aqui lhe brótão
 As lágrimas em fio , entre soluços
 Suffocada , emmudece .

Depois de curto espaço , a Morte horrenda ,
 A fronte definada meneando ,
 Alça a medonha voz , e assim responde
 A' consternada Furia :

„ Não te desdenho , ó Filha : do meu throno
 „ Tu és robusto apoio ; os teus serviços
 „ A obrigação me impõe de ser-te grata :
 „ Morrerá quem te affrontá . „

Disse ; e n'astea da Fouce o corpo firma ,
 Ergue-se , e ensaia para o vôo as azas :
 Nos cantos da caverna os negros Mochos
 Soltão da morte o grito .

Eis-que estranho clarão , rompendo as trévas ,
 Súbito inunda a lóbrega morada ;
 Eis apparece (mortal raio á Invéja)
 Em branca nuvem Lysia .

Brando sorriso esmalta-lhe o semblante ,
 Nos olhos o prazer lhe reverbera ,
 Luz-lhe na dextra lâmina de bronze ,
 Qual astro , fulgoreza .

Com garbo magestoso a vestidura
 Sobraça roçagante ; e assim que arrósta
 O Nume aterrador , na voz suave
 Taes expressões lhe envia :

„ Cho-

„ Chorosa, amargurada, longo tempo
 „ Curva ante o Solio do adoravel Fado,
 „ Ferventes rogos, humidos de pranto,
 „ Fiz subir-lhe á presença.

„ De Elmano, do meu Vate a vida em risco:
 „ Meu coração materno consternava:
 „ Elle era a gloria minha; ella morrerá,
 „ Se morresse o meu Vate.

„ Regeitado, porém, não foi meu rogo:
 „ O Fado para mim sempre benigno,
 „ Risonho me outorgou (mercê não tenue)
 „ O suspirado indulto.

„ Eis o Decreto seu: „ (e entrega ao Monstro
 A lâmina de bronze.) Ao vê-lo a Parca,
 Depondo a curva Fouce, inclina a frente,
 E reverente o beija.

„ Cumpra-se, ó Lysia, (diz) a Lei do Fado. „
 Exulta Lysia, e presurosa surge
 Da habitação medonha: opâcas sombras
 De novo alli se espessão.

Oh que horrendo espectaculo não era
 A Invéja furiosa, ardendo em raiva!
 Da dextra, da sinistra a serpe, o facho
 Arremêça convulsa.

As melenas, frenética, arrepêla,
 E de âspides alastra o pavimento;
 Na bocca, onde as espumas são veneno,
 As maldições lhe fervem.

Torcendo, e retorcendo os vesgos olhos,
 Vaguêa delirante a vasta furna:
 A Morte, a propria Morte, ao ver-lhe as furias,
 Treme no throno horrendo.

O Fado, contra quem vomita o Monstro
 Negra turma de pragas, indignado
 Manda ronque o trovão, fuzile o raio,
 E sobre ella desabe.

A Furia, remordendo-se, baquêa,
 E no bojo inflammado o Inferno a sorve.
 Em tanto a grande Lysia, exultadora
 Vôa a abraçar seu Filho.

EPISTOLA

Feita no julgado ultimo periodo da vida do Senhor
Manoel Maria de Barbosa du Bocage.

EPIGRAMA

*Rebus angustis animosus atque
Fortis appare.*

Horat. Od. 7. liv. 2.

SE póde hum mocho, piador nas selvas,
Branças plumas cobrar, surgir da noite,
E dos pios colher vozes sonóras,
Tendo assumpto sem par, Heróes cantando:
Não sou ave infeliz, odio as trévas;
Minha essencia mudei; encaro o dia,
O dia, que nasceo na luz d'Elmano.
O' tu Dominador, de quem domina
No medonho poder d'escuro pégo,
Onde morre o Vulgar, existe o Grande;
Em que ufana de Ti a Eternidade,
Dos limites sahio, mandou soberba
Aos Futuros pasmar, tremer aos Fados;
E nos Livros ao tempo sobranceiros
O teu nome esculpir, dar vida ás letras;
Que sedentas té'li de iguaes talentos,
Sem a mira lançar a mais, ou tanto,
Novo campo não dão a novo entalhe.
Accolhe os versos meus, os meus louvores,
Que o péjo suffocou; mas cede o péjo
A' voz da Gratidão, que em mim resôa.

Que

Que inaudito prazer me surge n'alma!
 Elmano, Elmano meu, do Mundo gloria,
 Quando penso que os sons adormecidos
 Da Lyra (que em temor cede á vontade)
 Vão dos Astros romper luzente Espaço,
 Indo aos Numes levarão, que he dos Numes:
 Esta empreza, que os Ceos no seio acolhem,
 De que hes justo crédor, que humilde off'reço,
 Hade a Jove aprazer, durar em Jove.
 Se ao jugo dos Mortaes, se ao Fado, á Morte
 Inda liga tua alma a terrea massa,
 Se em tormentos, se em ais, se em dor, se em pranto
 A substancia languece, que te anima,
 E de humano a pensão (dever custoso)
 No contínuo pular do sangue ardente (1)
 Encaras com temor; temor não tenhas:
 A morte para o Sabio he gosto, he vida.
 Assim o grão Camões, de Lysia esmalte,
 E das grandes Nações portento, espanto,
 Na desgraça morreo, viveo na morte;
 E o Nume atroador de Pólo a Pólo,
 Por cem aureos canaes fendendo os ares,
 Inda o nome do Heróe espalha ufano,
 Inda alentos lhe dá, vida mais nobre.
 Quebradas as prizões ao ser terreno,
 Que te véda subir de Vate a Nume,
 Hade os tubos encher com sôpro estranho,
 E teus versos mandar ao Ceo da Gloria.
 Não julgues, que se, Heróe, zombas da morte,
 Encarando teu mal desdenho o pranto

D ii

Ha-

(1) Alludo ao aneurisma, huma das principaes moléstias, que o atormentão.

Hade Lysia chorar, darão os Lusos
 Do pranto, que a razão sanar não sabe,
 Grossas agoas ao Têjo caudaloso,
 Que dos limites seus fugindo irado,
 Vá ao Ganges levar, levar ao Nilo
 A noticia cruel, que humanos punge:
 E Josino (que a vida assás molesta
 Nos hombros lhe suppeza longa os dias
 Que, d'Elmano vivendo assim distante,
 Hãodé o manto roubar á noite escura:)
 A tristeza dará da morte o premio.
 Revive, Elmano, pois no Ethereo Reino;
 Que eu, em quanto tiver vitaes alentos,
 Heide em ti prantear d'Amigo a falta,
 E de Vate, e de Heróe ceder ao pasmo.

José Joaquim Gerardo de Sampaio.

Ao Senhor Manoel Maria de Barbosa du Bocage,
achando-se o A. molesto.

E P I S T O L A.

O Sabio não vai todo á sepultura,
 Na memoria dos homens brilha, e dura.

Rim. du Bocag. T. 2.

HUm triste, hum infeliz, da Sorte avêssa
 Tragando o fel dos ais, o fel da vida,
 Saúda hum triste, que abraçar não póde,
 Penhóra em letras, mensageiras d'alma,
 Os effluvios da candida amizade,
 Os saudosos gemidos, que te envia,
 Elmano, que em soluços te evaporas,
 Que atropellado pela dor intensa,
 Sóltas dos lumes teus acerbo pranto,
 Que em vão te banha as faces enlutadas,
 Que tenta em vão desenrugar teus Fados.
 Mas ah! cobra valor; constancia, Amigo:
 Esforçada razão represe as mágoas,
 Que a horrenda fantasia, nebulosa
 Avulta em quadros, em que tudo he negro.
 Se ella dá brilho, se a existencia affaga,
 Debuchando na idéa deleitosa
 Glorias, prazeres, júbilos, encantos;
 Também nês males nos accurva a mente
 Com duplicados, horridos pavores.
 Baldar o sentimento ao corpo afflicto
 Não quero, Elmano; que tambem sou homem.

Se Zêno, se Platão sorrindo em ancias,
 Não mostrarão na face a côr do medo,
 Que erão diremos corações de bronze?
 Sentirão, que a desgraça a todos punge;
 Porém soffrêrão com tenaz constancia,
 Engolfados na sã Filosofia.
 Se qual vivêrão, tal morrerão lédos;
 Porque não seguiremos os seus passos?
 Forão d'outra materia, que não somos?
 Forão d'outro talento, que não tenhas?
 Quem da convulsa natureza, oppressa
 Falsêa em parte os horridos embates,
 He sobrancêiro á morte em gloria firme:
 Se tu com ella nos degrãos luzentes,
 Librado sobre os extasis divinos,
 Nectar libaste na Apollinea Mêza;
 Porque tremes das soffregas voragens,
 Em que se abysma a Natureza toda?
 Que saudades do Mundo te acompanhão?
 Por quantos males se não comprão ditas,
 Que bem qual o relampago se esváem:
 Que te valeo na Patria modulando,
 Da bocca deslizar thesoiros d'alma;
 Ora cantando de Marilia a face,
 Aonde se remôça a florêa Gnido;
 Ora abrazado em ralador ciuimê,
 Praguejando o rival de teus amores;
 Detestando a cruel, a fementida;
 Ora carpindo a (1) flor cortada em breve,
 Que acordava o botão medrando em risos;

En-

(1) Alludo ao Idyllio da Saudade Materna, feito pelo Senhor Bocage.

Ao Senhor Manoel Maria de Barbosa du Boagea

*Tu ne cede malis ; sed contra audentior ito ,
Quam tua te Fortuna sinet*

Aeneid. 6. vers. 95.

HE nos revêzes que apparece o Sabio ,
Que d'hum peito atravéz , que a Dor crucia ,
Reluz hum coração , virtudes todo :
Nunca d'Athénas o lustroso esmalte ,
O Mestre da Moral , o Deos dos Sabios ,
D'alma heroica mostrou mais nobres rasgos ,
Que ao entrar na prizão com rosto alegre ,
E ao beber a cicuta airoso , e forte .
De Roma nos Annaes , que o Mundo assombrão ,
Não teve cabimento Heróe mais claro ,
Que hum Séneca , fiel ás leis sagradas
Da Virtude , e Dever , aos pés calcando
Cruas perseguições , desterro iniquo ,
Sobranceiro ao rigor dos Ceos , da Terra .

Nem sómente entre as horridas refregas
Do procelloso mar , ou nos combates
D'alma forte resumbra ardor valente :
Da virtude he. tambem theatro o leito ;
Neste mais de huma vez provou-se o Sabio :
Encara com desdém o Sabio a morte ,
Certo que a preço tal se merca a vida .

Temos mui nobre , e remoutada essencia ,
Viemos povoar Terraqueo Globo
De mui alto lugar ; e a prova , Elmano ,
Em nós mesmos se dá , julgando escassa
Humilde habitação , d'arte os portentos ,

De Architectura, e luxo assombros claros,
 Que hum leve sópro esbrôa, esmaga, e prostra;
 Não temendo largar tão baixa esfera.

He das dores cruéis o termo a morte:
 Entre desgraças mil sempre vagando,
 De molestias sem fim alvos constantes;
 Bem como acontecer deve aos que aberrão
 Do seu clima natal, e estranho habitão.
 Só depois de existir puras substancias,
 Despidas do grosseiro, e terreo manto,
 Gostaremos prazer sadio, estreme.

Filosofia, és tu, quem dás ao Homem
 Do sepulcro despir-lhe o medo, o tédio;
 Por ti (qual déstro nauta exp'rimtado,
 Que rasgado o velame, os mastros rotos,
 Co'as ruinas da não prosegue a rota),
 Não succumbe o Mortal da morte á face,
 Não lhe desbóta do semblante as côres,
 Da constancia o vigor não lhe entorpece
 Buido ferro, que centelhas vibra;
 Da vida o termo com sorriso encara,
 Como se alheio fosse, e não seu termo.

Genios transcendentaes, que o mundo honrarão,
 Não temêrão largar barrenta capa,
 Que mesquiuha entorpece os vôos d'alma:
 Do divino Platão, o Sol da Grecia,
 Ouve attento o clamor, no peito o encerra:
 „ O espirito do Sabio anhéla a morte,
 „ Nella medita, e a quer: sempre que tende
 „ Fóra de si; taes são seus appetites. „ (1)

Quan-

(1) *Sapientes animum totum in mortem prominere, hoc velle, hoc meditari, hoc semper cupidine ferri in exteriora tendentem.*

Quanto ao summo chegou do fim jaz perto
 Fructo, que sazouou co'a Primavera,
 Do Outono na estação não orna as mezas:
 Quanto mais clara resplandece a chamma,
 Tanto mais prompta affraca, e se amortece:
 Taes os Engenhos; quanto mais sublimes,
 Tanto mais breves são; que he perto o Occaso,
 D'onde falta o lugar ao crescimento.

E pois, Elmano, te guindas-te ao cume
 Do Horizonte, onde és Sol de Lysia aos Vates,
 Cajas centelhas dão calor aos Genios,
 Dão brio, dão vigor para ir á gloria,
 Postergando montões de vís insectos
 De ephemerico ser, d'aspecto ingrato;
 Não deves estranhar, que Atropos dura
 Se antecipe a cortar-te o fio á vida;
 Ella, que sem respeito ao Môço, ao Velho,
 Se apraz de encher de lucto, e pranto o Mundo.

Ah! Se a vozes de dor se move a Parca,
 Se do Destino as leis transtornos soffrem,
 Verás, Elmano, decorrer teus dias
 Apar dos de Nestor, Tu, que o semelhas
 No mel, que vertem teus divinos labios.
 Lysia, desfeita em ais, banhada em pranto,
 Ante as aras de hum Deos mil preces sólta
 Pela conservação do seu esmalte,
 Do seu Genio melhor, da Gloria sua,
 E aos de Lysia Filinto une os seus votos.

Fr. Francisco Freire.

Ao Senhor Manoel Maria de Barbosa du Bocage,

EPISTOLA.

Ruindo lá do Bárathro medonho
 Lúgubre som, motivador do pranto,
 Que as faces mólha da enlutada Lysia,
 De ti, ó Vate, reclamava o feudo;
 Já lá do Abysmo horrendo as furias torpês,
 Por ordem de Plutão na terra surgem;
 Da vil materia, do que he pó, que he nada,
 Opaco manto de endeosados genios,
 Rabidas rompem o ordenado todo.

„ Murchas esp'ranças mais a mais fraquejem,
 „ Sentimento mortal, tristeza baça
 „ Nos Lusos corações a dor espalhe;
 „ Apenas cinza, o que já foi Elmano.

Esta do Averno a voz, a lei da Morte,
 Que ás funeraes Irmans o Monstro intima:
 Do Sena pelas margens saborosas,
 Pelas praias do Ganges, do Aureo Téjo,
 Assustadas de horror as Ninfas clamão;
 A lei maldizem, que lhes rouba a gloria,
 Carpindo o mimo, que as honrava tanto.

Os alumnos de Apollo ao nume envião
 Entre cortados ais, sentidas vozes,
 Votos provindos do profundo d'alma,
 Quaes os da Gratidão, e os da Verdade:
 Co'as mentes cheias de saudade infinda,
 Teu nome, ó caro Elmano, a Jove lembrão;
 No fogo ardente de sonóros Hymnos,

Escudados da candida amizade,
 Da justiça, e dever, da gloria Tua,
 Hum Nume Creador, que unio os Entes,
 Hum Deos, hum justo Deos piedoso dobrão.
 Eis de repente na brilhante Esfera
 Risonho assoma o dia, a noite fôge;
 Raia alegre o prazer, somem-se as trévas;
 Abrem-se as portas do sulfureo Averno,
 E á feia escuridão as Furias tornão.
 Esforça-se a razão, estudo, e arte
 Das garras a salvar a prêza excelsa:
 Angelico tropel ao leito adeja,
 Da Sacra Região baixando os vôos
 Do Vate aos lares, a melhora guia.
 No Olympo os Numes a harmonia prézão,
 Affeitos a escutar da terra os Vates.
 Oh como de prazer exulta o peito!
 E'mano, E'mano vive, oh Ceos, oh dita!
 Por elle a gloria, e honra em Lysia abundão;
 Cisne do Téjo, que traspassa a méta,
 Lícita a raros de adejar cançados.
 Fadem teus dias fortuneos lances.
 Praza aos Ceos compassivos, que inda eu possa
 Ver-te immune do mal, que te consterna;
 Porque possas tambem dar vida á Fama
 De deslizado Heróe, que a cobardia
 Pendura nos portaes do Esquecimento;
 E as azas desprender em canto altivo,
 (Dos Voltaires, Camões, dos Tassos digno)
 Em lustres de Varão, que immortalizes.
 Virente louro não me cinge a frente;
 Tolhem meus gressos as varedas invias
 Ao bipartido Cume, ao sacro asilo
 Dos almos Genios, onde entrar não posso:

A ser-me dado, intrepido verias
 Em duravel engaste, em Padrão d'oiro
 Ir assomar teu nome além dos Evos;
 A ardentes Vates, que o Porvir esconde,
 Engenhos como Tu, mover-lhes pasmo;
 Mostrar-te como exemplo ás Plagas Lusas,
 Disparando o trovão, vibrando os raios,
 Imagens vivas, que dão alma ás pedras;
 Em quanto as graças em Gertruria bella
 Co' os doces folgazões amores brincão
 Quando surge da Estancia a torva invéja
 Ou trilhas sem desdouro o Lacio augusto
 Do filho de Sulmona unindo a cinza
 Fazendo-o reviver com pompa egregia
 Em veste alheia; mas tão nobre, e rica
 Que equivale ao valor dos proprios trajez
 Quizera agora eu ter o dom de Elpino,
 Invadir com teu nome a Eternidade
 Mas ah que delirei: oh mente louca
 Não precisas de quem de ti precisa:
 Rite, rite de mim, ó grande Elmano;
 Mas dos desejos não, dos são desejos

V

De João Galvão Mexia de Sousa Mascarenhas

Atendendo á excepção em que se lê luto, e não luto em que excessiva do es mudo e atenuado.

Do Senhor Manoel Maria de Barbosa du Bocage.

EPISTOLA.

V Ate, que adoro, portentoso Elmano,
 Imagem do Saber, do Pindo gloria,
 Apollineo Cantor, Cantor divino
 Dos Jardins, onde impéra a Natureza;
 Escuta os versos meus, escuta os versos,
 Que dicta o coração, dicta a amizade.
 Depois, com que pezar o pronuncio!
 Que entrei na estancia triste, onde succumbe,
 Aos impulsos da Dor, Razão, Consciência, (1)
 Diluvio amargo de saudoso pranto,
 Me innunda as faces, me consterna o rosto.
 Já mais hum só instante, ó caro Elmano,
 Se minóra a tristeza, que me opprime;
 Meu activo pezar, minha amargura,
 Bem não podem narrar toscas palavras;
 Excede a dor humano soffrimento;
 Saudades que a minha alma afflicta sente,
 Podem-se imaginar; mas não dizer-se.
 Ah quando penso em ti, eu me arrebatô:
 Futuras producções imaginando,
 Não cesso de chorar a falta, a perda,
 Que as Bellas Letras, Seculos vindouros
 Chorarão, como eu, se a morte horrivel
 Inda em flor decepar teus caros dias.

Des-

(1) Alludindo á exesperação em que o vi lutando, na occasião em que excessivas dores muito o atenuavão.

Deste asilo da lúgubre Tristeza,
 Onde os dias, ás noites semelhantes,
 Eu passo envolto em luto, envolto em pranto, (1)
 Te envio tristes ais, ternas lembranças,
 Que meu peito fiel a ti consagra;
 Escuta-as, se he possível, (pois o triste,
 Com as queixas do triste se consola,)
 No meigo coração grato as acolhe;
 E conhecendo a dor, que assim me fere,
 Podéra as mágoas, que sopporta, e sente
 Falsmeno, que sem ti vive morrendo.

Sugeito ao mando teu por lei, por gosto,
 Te envio (como amargo talvez util)
 O Folheto de meus insulsos versos:
 Quem quer escravo ser de teus preceitos,
 Sem já mais hesitar, deve cumprillos:
 Embora o Zoilo vil louco me chame,
 E pura sugeição julgue vaidade. (2)

Adeos, meu caro Elmano, adeos, amigo;
 Os teus ais, aos meus ais unidos sejam;
 Unidos vão soar na azul Esfera,
 Augurando amizade além da morte.

(1) A grave molestia do Amigo, e o proximo falecimento de minha Mãi, me inspirou os tres versos acima, em tudo conformes aos meus sentimentos.

(2) Já mais me atrevera a enviar o Folheto dos meus inspidos versos a tão abalizado Mestre, se a sua determinação me não obrigasse a tanto. As desculpas que exijo, nas causas que allego no Prologo do dito Folheto, não bastão a evitar a critica, que na verdade merece a publicidade de semelhantes Poesias. As quaes ao presente não dou valor algum.

S O N E T O.

Nesta horrivel morada da saudade,
 Onde choro, e lamento o teu Destino,
 Dirijo preces mil ao Ser Divino,
 Que dicta o coração, dicta a amizade,

Fiel inclinação, pura verdade
 Repete ardentes votos de continuo:
 Tranquillo supportára o mal ferino,
 Se podésse escusar-te a Enfermidade.

Quanto fôra feliz, meu caro Elmano,
 Se a vida, que te offerto, vida escura,
 Em teu lugar soffrêra o cruel dano;

Então com gosto olhára a sepultura;
 E resgatando o Heróe, alegre, e ufano,
 Meus dias entregára á Morte dura. (1)

Por Felisberto Ignacio Januario Cordeiro.

(1) Se os versos dos dous tercetos parecerem affectados, e excessivos; para se pensar de modo contrario, baste a lembrança, de que o homem verdadeiramente Filosofo, que tem huma existencia triste, e pouco interessante, não terá nunca dúvida (sendo possivel) em sacrificar a sua vida á duração da dos homens sabios, uteis, e necessarios á Republica das Letras, e á Sociedade Civil.